

Quer no manicômio do célebre doutor Esquirol, quer, mais tarde, por trás das janelas gradeadas de sua própria casa, no seu quarto transformado em cela de louco, o espetáculo é sempre o mesmo: fantasias por toda parte para onde se dirige o olhar que procura clareza — frases perturbadoras e sem nexos, eis o que sai da boca que se abre para emitir palavras de sabedoria!

Durante três longos anos, todas as forças da loucura se ligaram contra esse homem preso na camisa de força, como se o mundo não quisesse deixar divulgar seu segredo e seu mistério. Afinal, porém, os fantasmas haviam sido forçados a abandonar, envergonhados, o quarto de janelas gradeadas.

A exaltação doentia desaparece agora, da face do filósofo, por intervalos cada vez maiores. Quando estende a mão, já não apanha uma faca homicida e sim a caneta e o que essa pena escreve é o “grande sistema” tão procurado e tão custosamente obtido!

Assim é que os relâmpagos em desordem jorrados do espírito do conde de Saint Simon e que se perdem no domínio religioso-metafísico, a-pesar-de tudo se transformam afinal numa filosofia monumental e duradoura na qual cada época — o passado, o presente e o futuro — encontram sua plena significação e sua interpretação adequada. A própria gênese da filosofia positiva havia obedecido ao princípio fundamental da doutrina, segundo o qual o conhecimento claro e positivo proporcionado pela realidade concreta tem de ser alcançado logo depois de transpostos os dois estados do pensamento religioso e abstrato.

Efetivamente, esses três estados de que Saint Simon fala vagamente, Comte os define nitidamente como o estado de consciência “teológico-fictício”, “metafísico-abstrato” e “científico-positivo”. Por essas fases sucessivas é que a humanidade tivera de passar no curso de seu progresso desde a aurora do pensamento até o presente. Se o mundo se encontra agora no terceiro estado, no da ciência positiva concreta, da conciente construção racional, não representa isso um acaso e sim a consequência necessária duma lei histórica inelutável.

Quem, como Comte, compreendeu afinal claramente esta grande e inebriante verdade, de lá em diante, tem de considerar como os primeiros deveres da filosofia, a eliminação de todos os princípios que não se prestam a pesquisas exatas e uma rigorosa abstenção de qualquer namoro com os restos sobreviventes do estado teológico e do metafísico-abstrato.

Entretanto, a missão da filosofia não se limita apenas a esses pontos que, quando muito, podem satisfazer a uma cabeça desordenada como Saint Simon, mas nunca a um Comte. Antes de tudo, é

imprescindível que se proceda a um exame de toda a história da raça humana, do ponto de vista do positivismo e que, colhendo todos os dados concretos fornecidos pela realidade histórica, se prove a validade da lei dos três estados.

E, de fato, o exame crítico e sintético ao qual Comte submete a História durante doze anos, de 1826 a 1838 e cujos resultados consignava numa obra em seis volumes, estabelece a validade dos postulados positivistas aplicados à política, à ciência, à evolução espiritual e material do mundo.

Assim esse pensador que, de mais a mais, se considera o instrumento da história, da lei histórica do progresso que leva à ciência, logra, graças à sua vontade obstinada, salvar das garras da loucura uma obra grandiosa e duradoura.

Durante doze anos, a vontade de clareza foi mais forte do que a confusão, o homem foi mais forte do que a doença. Entretanto, uma vez terminados esses seis grossos volumes, a loucura torna outra vez a roçar por sua escrivãzinha. Agora, enquanto Augusto Comte se esforça em representar, no futuro, a renascença da humanidade de acordo com o espírito da filosofia positivista, eis que de novo o malicioso demônio se esconde atrás dele, espiando por cima do seu ombro o que ele está escrevendo e murmura-lhe ao ouvido toda sorte de disparates. Em virtude dessas aparições e dessas pirraças, a obra, como por um jogo de prestidigitação, se transforma de repente precisamente no contrário do que devia ser. Em vez de libertar para sempre o pensamento humano de todas as especulações religiosas e metafísicas, essa obra passa a ser uma verdadeira religião, baixando assim a esse estado que, segundo a doutrina positivista, era o mais ínfimo e o mais afastado de todo progresso!

Que perfídia e que irrisão! Não seria esse o mesmo fim que fôra reservado às especulações de Saint Simon? Com que feroz desprezo não havia Comte olhado sempre a queda profunda desse homem que era o primeiro a considerar-se um segundo Sócrates, um continuador de Descartes e que, afinal, se intitulava o “lugar-tenente de Deus na terra”. Seria possível imaginar coisa mais abstrusa do que essa confusa fantasia com que Saint Simon costumava representar a si mesmo sua própria sublimidade? Na nova era de glorificação positiva, declarava o conde, já não é Cristo que senta ao lado de Deus, e sim Newton. Ele próprio, o conde Henri de Saint Simon, será convidado por Deus a dirigir, na qualidade de presidente do “Conselho Newtoniano”, a “administração central celeste-intelectual do futuro”.

Augusto Comte, quando secretário desse senhor de alta estirpe, muitas vezes não sabia se devia rir ou proferir protestos indignados, quando Saint Simon, com ar solene, pretendia que Deus mesmo, em pessoa, lhe havia anunciado tudo isso, nos seguintes termos: